

Prémio Camões 2013

mia
couto

Vinte
e
Zinco

Romance

4.^a edição

CAMINHO

19 de abril

*«O torturador necessita da vítima para
criar verdade nesse jogo a duas mãos
que é a fabricação do medo»*

Dos cadernos de Irene

Lourenço de Castro entra em casa, à mesma hora de sempre, essa hora em que a luz adoce, cansada de tanto dia. Roda o manípulo da porta com cuidado como se o mundo se pudesse desconjuntar a partir daquele gesto. E logo a voz da mãe, lamparinando o fundo do corredor:

— *É você, meu filho?*

Dona Margarida comparece na entrada da velha casa colonial. Cobre as costas do filho com um casaquinho, feito por suas mãos. É fim de verão, mas as noites já arrefecem no litoral. Lourenço de Castro encolhe os ombros, a jeito de ela estender o casaco. Outra vez cansado, mais morto que peixe. Ninguém avalia o custo de ser inspetor da PIDE, em pleno mato africano, lá onde o pé de branco nunca assentou. A vila de Moebase tem outros brancos, sim, mas poucos. Os dedos das

mãos sobram se os quisermos contar. Há quem? O padre Ramos, o médico Peixoto, o administrador Marques e o agente Diamantino. Mais as duas mulheres de casa, a mãe e a tia Irene. Mas as mulheres não contam. Assim se dizia em casa dos Castros. Maior parte das vezes até descontam, acrescentavam.

A chegada de Lourenço de Castro a casa é um ritual, sempre igual. A mãe, infalível, exerce o amparo que é devido a um guerreiro. Mas este guerreiro, de espáduas circunflexas, não exala glória. O inspetor Lourenço arrasta-se para a casa de banho e lava as mãos. A água corre como se não bastasse um rio para o limpar.

— *Por que não confessam? Custava alguma coisa...*

O sangue vai gotinhando na bacia. Ele estende os braços, ainda húmidos. A mãe enxuga-os, com terno vigor.

— *Lavou bem, querido? Agora, venha. Já preparei a sua caminha.*

O pede vai à cozinha e volta a passar as mãos por água. Cheira os dedos como se quisesse confirmar a teimosia de alguma nódoa. A velha mãe pega-lhe nos braços, beija-lhe os dedos finos.

— *Bonitas mãos, fazem lembrar...*

— *Estou cansado mãe, quero dormir. Onde está o pano?*

— *O pano foi para lavar. Estava cheio de baba. Você está-se a babar muito, fico preocupada, não será dessas maleitas africanas...*

— *Eu não durmo sem o pano, a mãe já sabe.*

— *Está outro pano já lavadinho debaixo da sua almofadinha.*

O pide deita-se. A mãe, na cabeceira, lhe aconchega o lençol. O filho, inquieto, espreita o quarto:

— *O cavalinho?*

— *Já lhe chego o cavalo, não se preocupe.*

Ela arrasta um cavalinho de madeira, coloca-o a jeito de Lourenço tocar a sua crina. O pide crispa os dedos na garupa do cavalinho e fá-lo balançar.

— *E a tia Irene?*

A mãe desvia os olhos. Sempre na mesma, essa Irene. Que vergonha, uma branca proceder daquela maneira, desapossuída de juízo. É pior que ter perdido a razão: ela perdera o pudor.

— *Que sina a nossa, meu filho!*

Pausa. Suspiros. O polícia para de balançar o cavalo. Soergue-se para olhar melhor o rosto de Dona Margarida.

— *Ela voltou a sair hoje?*

— *Voltou, pois.*

— *Veio outra vez toda suja?*

— *Suja?! Aquilo é argila, coisa limpa.*

— *Argila? Matope é o que aquilo é. Temos que acabar com isto, mãe. A tia Irene compromete-nos e nós temos um nome a defender.*

— *Tenha paciência, Lourenço. Irene é a nossa única família. Não se esqueça: não temos mais ninguém.*

O silêncio que se instala faz pensar em culpa. Alguma punição divina. Quem sabe, artesanato do diabo. O quarto parece ter ficado abafado. O inspetor examina os braços, como se procurasse um desarrumado detalhe.

— *Isto aqui não é sangue?*

— *Não, filho, não é. Pegue no pano e durma.*

— *Dormir? Se a mãe soubesse o ódio que eu tenho a esses pretos.*

— *Não diga isso, filho. Há bons, há maus.*

A mãe retira-se, costas dobradas, arredondadas como o dorso do corvo. O corredor recebe-a como se ela pertencesse às trevas. E tudo se escoia, silêncio e escuridão.

Passam-se horas e as luzes de novo se acendem, interrompendo a noite. Os gritos de Lourenço ecoam no corredor. A mãe acorre, sem pressa. Traz um copo de leite na mão. Já sabe o que se passa quando se debruça sobre o filho.

— *Outra vez o pesadelo?*

Lourenço nem responde, ocupado em respirar. O suor desenrola-se, um líquido lençol o recobre.

— *Os tambores. Não os ouve?*

— *Era um batuque, mas já parou há algum tempo.*

— *Mas eu continuo a ouvir, mãe.*

Ela senta-se na cabeceira, limpa-lhe o suor e estende-lhe o leite morno. O filho recusa. Há uma raiva que ele não consegue guardar. A mãe corrige a porta, ainda que não haja aragem nenhuma. Se não corre brisa por que razão a bandeira

portuguesa tombou da parede onde estava pendurada?

— *É esse cego, eu ainda vou dar cabo desse gajo.*

— *O cego Tchuvisco? Deus ainda o castiga. Que mal pode fazer esse pobre diabo?*

— *Esse gajo é que faz isto tudo, mãe.*

— *Disparate, filho.*

— *Acredite em mim, eu conheço essa gente.*

— *Você anda agitado, Lourenço. Prometa-me: amanhã vamos ver o doutor Peixoto.*

— *Eu não estou doente, mãe.*

— *Mas ele já anda a tratar a tia Irene, não custa nada...*

— *Não vou, já disse que não vou.*

A mãe acaricia os cabelos do filho. A respiração desofega, os olhos estão suspensos no infinito do teto.

— *A mãe pode espreitar-me?*

— *Outra vez o umbigo, Lourencinho?*

— *Está-me a crescer, mãe. A sério, desta vez é a sério. Até já estou a sentir o cordão umbilical a sair-me.*

— *Deixe que eu lhe faço uma massagem e isso já passa.*

A mãe senta-se na cama e esconde as mãos por baixo dos lençóis. Seus olhos agasalham muita ternura.

— *Vê, mãe? Eu não dizia?*

— *Já vai passar, filho.*

— *Isto só pode ser feitiço da pretalhada. É esse cego, mãe.*

A mãe volta a ensaiar uma retirada. À porta, ainda ganha coragem e pergunta:

— *Está tanto calor. Não quer mesmo a ventoinha?*

— *Nunca! Ventoinha, nunca!*

— *Pronto, pronto! Era só uma ideia. Durma, filho. Durma.*

20 de abril

*«Ninguém nasce desta ou daquela raça.
Só depois nos tornamos pretos, brancos
ou de outra qualquer raça»*

Extrato do diário de Irene,
parafrazeando Simone de Beauvoir

Irene sacode as pernas. Em vão. O matope, já seco, se agarrara ao corpo como se fosse uma outra pele. A irmã, Margarida, espera-a à porta.

— *Francamente, Irene. São horas de voltar?*

— *São horas de tudo, mana.*

— *E onde estiveste, posso saber?*

— *Nas lagoas. Vê o que eu trouxe.*

Da blusa ela retira um frasco velho. Suspende-o no alto para que se veja à transparência.

— *Sabes o que é? É uma aguinha tratada.*

— *Voltaste à bruxa!*

— *Em África não há bruxas. Jessumina é uma mulher com poderes. Tu sabes, Guida, mas tens medo de aceitar.*

Irene dança em volta da irmã. A diferença de idades, na circunstância, se evidencia ainda mais. Irene, mais moça, é dessas mulheres bravias, vivas

de nascença. Ela tem corpo e rosto, tudo em estado desejável. Se não fosse louca ainda havia esperança de se lhe arranjar pretendente.

Irene viera para África depois que seu cunhado Joaquim de Castro morrera. A viuvez é demasiado pesada para se suportar em solidão. Por isso, Margarida requereu a presença de Irene e lhe pediu o pleno exercício da irmandade. Em vão. Em Moçambique, a jovem Irene se descaminhara, exilada do juízo e das maneiras. Se misturara com os negros, dera licença a rumores e vergonhas. Procedimentos que despergaminhavam a honra familiar. Já seu marido Joaquim de Castro havia sido agente da PIDE. O filho Lourenço imitara-lhe as pisadas. Esperava-se da família Castro que emanasse o exemplo. Não acontecia, devido a Irene. Afinal, onde a noite mais escurece é em volta do pirilampo.

Margarida quase sente pena de Irene quando a olha agora, dançando com o frasco entre os dedos. Quase podia ser compaixão. Mas é inveja. Assim, bela e feliz, Irene escapava à cinzentura daquela casa, vergada sob silêncios e suspiros. Em tudo que fazia, Irene se acendia em fogo de dentro. Enquanto ela não passava da cepa morta. A moça usufruía do lugar, sem fronteira de medo. Passeava sozinha nos bairros dos negros. Sentava-se com eles. Bebia e comia com eles. Pelas tardes, escapava ao tempo nos lagos de Nkuluine. Estava proibida, mas quem pode mandar em loucura?

— *Cá para mim ela não está tão louca como parece.*

Lourenço desconfiava da autenticidade da tia. Pode-se enlouquecer assim, em tão breve tempo? Se ele próprio, vivido nas durezas de África, se mantinha lúcido e pronto para dar a sua vida por essa lucidez?

— *Os horrores que eu vi e não perdi a razão.*

Referia-se, todos sabiam, à morte de seu pai, Joaquim de Castro. Ele assistira a tudo no helicóptero. O pai estava fardado e mantinha-se de pé, lutando contra o balanço. Seus gritos, ásperos, sobrepunham-se ao ruído do motor. Mandava que os presos, de mãos atadas, se chegassem à porta aberta do aparelho. Depois, com um pontapé ele os fazia despenhar sobre o oceano.

Daquela vez, o pai decidira que Lourenço o devia acompanhar para ver esse espetáculo. Dizia: experiências daquelas é que endurecem o verdadeiro homem.

— *Você vai ver, filho: os cabrões esbracejam no ar como se quisessem ganhar asas.*

Anichado no canto do aparelho, Lourenço sorria de enjoo. Mas ele não podia confessar essa fraqueza quase feminina. Passava-se ali prova tão macha e ele esverdeava, na iminência do vômito? Forte, ser forte que os fracos não gozam a História. Palavras do velho Castro esconjurando os mimos de Margarida. Mariquices, isso é que dá cabo de um homem. Lourenço ansiava comprovar suas habilidades para bravezas. Por isso, ali no helicóptero, ele se esforçava por não dar parte de frouxo.

De repente, um emaranhado de pernas se cruzou em redor de Joaquim de Castro. Como tesouras de carne os membros inferiores dos presos enredaram o corpo do português. Os prisioneiros lutavam, arrumados em prévia combinação. Cairiam eles, mas o Castro iria junto. O português gritou, pediu ajuda ao filho. Mas este nem se mexeu. Olhos esbugalhados, viu o pai ser ejetado do helicóptero. Súbito, lhe pareceu eclodir um pássaro, composto em asas e plumas. Mas nada tombava sobre o mar. Flutuavam penas dispersas como saídas de um buraco de nuvem. Essas plumas embaladas em hesitante brisa eram a única memória que lhe restara daquele momento. Para além do barulho das hélices, sobre a cabeça. Nunca mais haveria de suportar ventoinha. Fizesse calor de torrar, a ventoinha estava interdita.

Desde então, Lourenço tinha um único propósito em sua existência. Só uma ideia se trancara em sua testa. Ele não era de falas, muito menos risos. Seco, mas artimanhoso. Sua ascensão na política política se fez rápida, à força de muito serviço mostrado. E de muito mais serviço que não podia mostrar.

Sua mãe Margarida receava pelo estado de seu único filho. Porque ele nem pensava em mais. De sua vida não se despontava prazer, mulher, diversão. Às vezes, quando o via aparar com mais cuidado o bigode, uma breve esperança se acendia. Logo frustrada, quando ele se refugiava no solitário escritório. Assim, só e triste, se convocam as

temíveis doenças. E, quem sabe, os maus espíritos? Sabe-se lá foi por isso que Irene contraíra aquele desjuízo dela.

— *Irene não é nossa família, mãe.*

Toda aquela raiva de Lourenço contra a tia afligia Dona Margarida. Porque, ao mesmo tempo, na penumbra da sala onde o filho se fechava, sobrava sempre o álbum de fotografias da família. Na manhã seguinte, as fotos da tia amanheciam fora do álbum. E a mãe, em silêncio, voltava a guardar as imagens da adolescência de sua irmã. Como se reordenasse o tempo e corrigisse o presente.

O rodar da maçaneta faz despertar Margarida. Irene continua dançando, volteando-se pela sala. Lourenço, entrado na sala, estremece. Irene passa rodando, pernas deixadas nuas pelo arregaçar da saia na cintura. Se percebe que aquela dança não é europeia. É ritmo africano. A mulher branca se balança como se seu corpo albergasse o mundo dos outros. Dona Margarida se apercebe da afronta. Urge criar desatenção. Ela se empenha em ser mãe: cumpre o ritual, casaco em riste para abrigar o filho. Um gesto brusco fez saltar o casaco.

— *Ela foi outra vez às lagoas!*

Sempre embalada por uma inaudível música, Irene vai de encontro ao sobrinho e lhe mostra o frasquinho. Margarida, em vão, gesticula. Recomenda recato à irmã. Mas Irene desafia o sobrinho. A moça o que fazia? Abria janelas em noite de tempestade?

— *Sabe o que é isto, sobrinho?*

— *Foi outra vez à porcaria das lagoas?!*

— *Dentro deste frasquinho está uma água que me deu Jessumina.*

Para, afogueada. E explica com coração nas palavras: aquele era o líquido em que os abutres lavavam os olhos. Aquela água apurava visões de quem delas carecia. E ela pedira aquele líquido para lavar os olhos de Tchuisco, o cego seu amigo.

— *Não quero ouvir falar desse nome.*

— *Quem, Tchuisco? E porquê, Lourenço?*

— *Esse nome não volta a ser pronunciado nesta casa. Eu não lhe disse que não a queria ver mais com esse preto?*

Irene ergue o queixo, em afronta. Sua voz solavanqueia entre agudos e rouquezas, entornando frases nos fôlegos. Há ali o confronto deslocado de uma outra guerra. Nesse conflito, a voz de Irene se engatilha, às vezes, fio tremente, outras vezes, espantada com sua própria grandeza.

— *Lourenço, o menino não entendeu uma coisa: você não manda, você só dá ordens. Entendeu?*

— *Pois eu lhe mando uma coisa: cubra essas pernas imediatamente.*

Irene, em desafio, desabotoa a saia. A roupa lhe tomba, em suspiro, a seus pés. Depois, de um puxão ela faz saltar os botões da blusa. Assim, em vasta nudez, se antepõe perante o sobrinho. O homem reage com disparada violência. Arranca-lhe das mãos o frasco e arremessa-o de encontro ao chão:

— *Veja o que faço à merda das suas mezinhas!*

Os olhos de Irene se inflamam. Aos poucos seu rosto se lhe despertence. A mulher, vê-se, vai perdendo a matéria e o volume do juízo. Levanta o cabelo com as duas mãos como se entendesse domar a alma que lhe escapa. Com um áspero sibilo ela faz gelar a sala:

— *Pois, eu vos digo: esta casa vai definhbar, até nela apodrecer o espírito desse monstro que foi esse teu pai.*

Ali há só o tempo, enredado em silêncio. À um canto, Margarida se resume a lágrimas. Irene prossegue, desdobrando a fala com lentidão:

— *Haveis de enterrar mil vezes esse falecido. E será sempre enterro falso. Que esta terra nunca, mas nunca o irá aceitar.*

Despida e desfigurada, Irene se aproxima do cadeirão onde, em vida, Castro celebrava as refeições. O lugar do falecido se conservara ali, intocável. Na mesa posta, talheres, pratos e copo encenavam presença. O nome de Joaquim de Castro jamais se pronunciava, após seu falecimento. Mas a cadeira se guardava como se aguardasse ressurgência. Em fúria, Irene enfrenta o lugar do morto. Derruba a cadeira, atira o guardanapo ao chão. O sobrinho se ergue com decisão de violência. O braço de Margarida lhe impede o gesto. Lourenço fraqueja no fazer, incompetente no calar. De novo, Irene lhe faz frente:

— *Pensas que tens o poder de matar? Pois esta gente, os pretos como tu lhes chamas, tem poderes que desconheces. Esses que mataste ainda estão por aqui, deste lado da vida. Só matas os que eles deixam morrer.*

